

Uma nova jazida da Idade do Bronze no Areeiro, planalto da Lameira, Celorico de Basto¹

Ana M. S. BETTENCOURT²
Luís FONTES³

1. INTRODUÇÃO

A importância arqueológica do planalto da Lameira é conhecida desde 1978, data em que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou escavações no povoado de fossas da Tapada da Venda/Pedroso⁴, freguesia do Rego, concelho de Celorico de Basto.

A partir dessa data, e na sequência de prospecções efectuadas no planalto, Luís Fontes (no prelo) efectuou um primeiro inventário arqueológico da Lameira⁵. Este trabalho visava chamar a atenção da autarquia, dos cidadãos em geral e da comunidade científica para o vasto, diversificado e relativamente bem conservado conjunto patrimonial da região⁶.

Ainda em 1993 e a pedido do Sr. João Ferreira⁷, morador no lugar de Vila Boa, freguesia do Rego, Luís Fontes deslocou-se ao sítio do Areeiro, local onde se tinham detectado várias dezenas de fragmentos cerâmicos e alguns objectos líticos. A importância do material recolhido e as condições do achado justificaram a presente publicação, que inclui o seu estudo técnico e formal⁸, bem como a análise do seu contexto.

¹ Os desenhos foram efectuados por Alfredo Barbosa da Unidade de Arqueologia.

^{2 e 3} Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Av. Central, 39, 4710 Braga. Email: Anabett@ci.uminho.pt

⁴ Estes trabalhos foram realizados sob a direcção do Dr. Francisco Alves e do Doutor Francisco de Sande Lemos. Do resultado da campanha foi publicada uma nótula em Lemos *et alii* (1976-80). Encontra-se em preparação um estudo monográfico deste povoado, por parte da primeira signatária deste trabalho.

⁵ Luís Fontes (no prelo), cartografa a estação do Areeiro.

⁶ Na impossibilidade humana e financeira de assegurar, na íntegra, os trabalhos que urgem efectuar no planalto, a Unidade de Arqueologia apoia tecnicamente o levantamento arqueológico detalhado daquela área. Este trabalho, a realizar pelo licenciado Ildefonso Ramirez, constituirá tema de tese de licenciatura, a apresentar na Universidade Autónoma de Madrid, no ano de 1995.

⁷ A quem agradecemos as facilidades concedidas e louvamos o interesse e a disponibilidade manifestada na defesa do património arqueológico da Lameira. O Sr. João Ferreira continuará a ser o depositário deste espólio após a consecução do seu estudo.

⁸ Agradecemos à Dr^a Isabel Silva, directora do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, as facilidades concedidas na consolidação, colagem e restauro de parte do material. O nosso agradecimento vai, também, para Amélia Silva, Clara Lobo e Palmira Ramôa, pelo moroso trabalho de colagem e restauro de algumas peças.

2. LOCALIZAÇÃO DOS ACHADOS E ENQUADRAMENTO ESPACIAL

O sítio do Areeiro pertence ao lugar de Arbonça, freguesia do Rego, concelho de Celorico de Basto (Est. I). As coordenadas Gauss, lidas a partir da Carta Militar de Portugal, esc. na 1: 25 000, folha nº 86, são as seguintes: M = 205,7 P = 497, entre 720 e 730m (Est. II-1).

Os materiais apareceram num perfil, do lado direito de um estradão que dá acesso à encosta Este do monte de S. Pedro. Apesar da estratigrafia ser pouco espessa, revelando a forte erosão do local, os vestígios concentravam-se numa vala, aberta no saibro, com cerca de 2,50m de largura, por 70cm de profundidade máxima.

Esta vala, que cremos de origem antrópica⁹, não se assemelha ao que, habitualmente, consideramos fossas e que se caracterizam por serem estruturas mais profundas do que largas. Foram, no entanto, detectadas duas fossas abertas no saibro, a algumas dezenas de metros a Norte do local dos achados. Actualmente, encontram-se recobertas por lamas o que impediu a sua análise pormenorizada¹⁰. Deverão pertencer à mesma jazida que, nesse caso, se estenderia por uma vasta zona, à semelhança do que ocorre nalguns povoados de fossas conhecidos¹¹.

O sítio do Areeiro localiza-se na vertente Oeste de uma pequena elevação que atinge os 732m de altura, zona onde nascem inúmeros ribeiros que alimentam vários afluentes do Tâmega. A estação está ameaçada por depósitos de lama provenientes de uma exploração industrial de areias (Est. II-2).

Não muito longe, a cerca de 1Km para Sudoeste, situa-se o povoado de fossas da Tapada da Venda/Pedroso com alguns materiais morfológicamente idênticos à estação que estudamos. Estas duas jazidas parecem inserir-se numa intensa rede de ocupação do território, com mais de uma dezena de pontos arqueológicos deste tipo. É significativa a ocorrência de monumentos com *tumulus*, cuja relação com a rede de povoamento seria interessante perspectivar num projecto de estudo para a região.

Na zona de localização da jazida do Areeiro, a paisagem é aberta, com um fraco índice arbóreo, representado por alguns pinheiros bravos. Predomina uma vegetação arbustiva e herbácea.

O substrato geológico caracteriza-se por granitos porfiróides de grão grosseiro, com duas micas e por abundantes filões de quartzo¹², embora não sejam visíveis grandes afloramentos à superfície.

O solo é de tipo “ranker” atlântico.

⁹ Foram encontradas valas semelhantes no povoado da Santinha (Amares). Uma delas, depois de escavada, foi interpretada como estrutura de habitação semi-subterrânea.

¹⁰ Foram vistas pelo Sr. Abraão Pires, da Unidade de Arqueologia, pelo Sr. João Ferreira e por Luís Fontes.

¹¹ Povoados com grandes áreas de ocupação encontram-se na Bouça do Frade (Baião), na Santinha (Amares) e na Sola (Braga).

¹² Dados recolhidos da Carta Geológica de Portugal, esc. 1: 50 000, folha nº 10-A, Celorico de Basto.

3. ESPÓLIO

3.1. DESCRIÇÃO

O espólio exumado é essencialmente cerâmico. Os fragmentos de louça, em número de 166, são exclusivamente de fabrico manual e compreendem 5 bordos, 6 bases, 1 vaso incompleto e 155 fragmentos de panças. Existem também alguns objectos líticos.

3.1.1. CERÂMICA

De todo o material observado apenas foi possível analisar as peças que passamos a discriminar (Est. III a V):

1. **Pote de colo alto**, incompleto, de bordo em aba soerguida e lábio arredondado. A pasta é arenosa, grosseira, com elementos não plásticos de grande e médio calibre¹³. A cor é predominantemente castanha clara e alaranjada, com manchas escuras, no interior e exterior do vaso. O recipiente foi bastante alisado, embora se encontre corroído parcialmente. Não são visíveis sinais de fuligem.
O colo foi decorado com espatulamentos largos, no sentido vertical. O início da pança é bem marcado do colo por uma canelura. Os quatro medalhões, separados entre si, por cordões verticais, localizam-se na parte superior da pança.
Diâmetro externo da boca – 22,4cm (Est. III).
Poderá inscrever-se na forma 8 de S. Jorge (1988: 24).
2. Fragmento de **pote**, com bordo esvasado e lábio horizontal, decorado com incisões. O colo é inexistente e o encontro da pança/bordo é anguloso. A pasta é arenosa/micácea, grosseira, com elementos não plásticos de quartzo, feldspato e mica, de grande e médio calibre. Recipiente castanho escuro, com manchas mais claras, no interior e exterior. A superfície foi apenas alisada. Não são visíveis sinais de fuligem.
Diâmetro externo da boca – 29cm (Est. III).
Poderá inscrever-se na forma 3 de M. Martins (1988: 141).
3. Fragmento de **pote**, com bordo esvasado e lábio arredondado e colo curto estrangulado. A pasta é arenosa/micácea, de textura grosseira, com elementos não plásticos de quartzo, feldspato e mica, de grande, médio e pequeno calibre. Recipiente alaranjado no interior e exterior. A superfície foi apenas alisada embora se encontre muito corroída. Não são visíveis sinais de fuligem.
Diâmetro externo da boca – 20cm (Est. IV).
Poderá inscrever-se na forma 2 de S. Jorge (1988: 22).

¹³ As tabelas de calibração são as propostas por S. Jorge (1988: 27).

4. Fragmento de dois bordos, aparentemente do mesmo **potinho**. O bordo é esvasado, com lábio arredondado, por vezes boleado, devido ao mau acabamento da peça. A pasta é arenosa, de textura média, com elementos não plásticos de pequeno calibre. Existe alguma mica neste recipiente que poderá ter vindo associada ao tipo de argila utilizada no seu fabrico. Vaso castanho escuro, em ambas as faces. A superfície foi polida. Não são visíveis sinais de fuligem.
Diâmetro externo da boca – 18cm (Est. IV).
Poderá inscrever-se na forma 6 de S. Jorge (1988: 23) ou no tipo 4 de M. Martins (1988: 141).
5. Fragmento de colo e início da pança de um **púcaro**, onde se inscreve um arranque de asa de fita, de secção aparentemente rectangular. A pasta é arenosa, de textura grosseira, com elementos não plásticos de grande calibre. Vaso castanho claro, no exterior, com manchas escuras no interior. A superfície parece ter sido apenas alisada, embora se encontre muito corroída. Não são visíveis sinais de fuligem (Est. IV).
Poderá inscrever-se na forma 4 de S. Jorge (1988: 23) e 4 de M. Martins (1988: 141).
6. Fragmento de colo cilíndrico recto, de um provável **pote de colo alto**, com espatulamentos horizontais, largos. A pasta é arenosa, de textura muito grosseira, com inúmeros elementos não plásticos de grande calibre. A cor é castanha clara, no exterior e no interior, e a superfície muito rugosa (Est. IV).
Poderá inscrever-se na forma 8 de S. Jorge (1988: 24).
7. Fragmento de colo e início da pança, de um provável **pote**. A pasta é arenosa, grosseira, com elementos não plásticos de médio e grande calibre. De cor castanha escura, no exterior e interior, este fragmento apresenta superfícies apenas alisadas. O início da pança é bem marcado por um cordão, aplicado plasticamente (Est. IV).
8. Fragmento de uma pança atribuível a um **pote**, com decoração plástica, em forma de cordão sub-vertical. A pasta é arenosa, grosseira, com elementos não plásticos de grande calibre. A pouca mica existente parece ser proveniente do tipo de argila utilizada no fabrico do vaso. A cor é castanha avermelhada, com manchas de fuligem ou de elementos orgânicos, no interior do recipiente. A superfície é apenas alisada (Est. IV).
9. Fragmento de **pança** decorada com um cordão horizontal (?). A pasta é arenosa, grosseira, com elementos não plásticos de pequeno e médio calibre. De cor castanha escura, este fragmento foi polido pelo exterior e apenas alisado no interior (Est. IV).
10. Fragmento de **pança** decorada com cordões perpendiculares. A pasta é arenosa, grosseira, com elementos não plásticos de grande calibre. De cor castanha clara e com a superfície exterior polida, este fragmento apresenta-se muito alterado na face interior (Est. IV).
11. **Base** de fundo plano, de pasta muito grosseira, arenosa, de cor castanha clara no exterior, e manchas escuras no interior. Superfície apenas alisada. Não indicia sinais de fuligem.
Diâmetro externo – 16,2cm (Est. V).

12. **Base de fundo plano, muito aberta, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara. Superfície talvez polida. Não indicia sinais de fuligem. Diâmetro externo – cerca de 44cm (Est. V).**
13. **Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha alaranjada. Superfície alisada. Não indicia sinais de fuligem. Diâmetro externo – 23,6cm (Est. V).**
14. **Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha alaranjada no exterior, e manchas mais escuras no interior. Superfície apenas alisada. Não indicia sinais de fuligem. Diâmetro externo – 20,4cm (Est. V).**
15. **Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara pelo exterior, e manchas mais escuras no interior, onde se registam restos de matéria orgânica ou fuligem. Superfície apenas alisada, apesar de muito corroída na face interna do vaso. Diâmetro externo – 24,6cm (Est. V).**
16. **Base de fundo plano, de pasta grosseira, arenosa, de cor castanha clara. Superfície alisada. Não indicia sinais de fuligem. Diâmetro externo – 17cm.**

3.1.2. LÍTICOS

O material lítico está representado por algumas peças que passaremos a descrever (Est. VI):

1. Elemento móvel de **moinho manual**, em granito de grão fino, polido em duas faces. Apresenta sinais de desgaste recente, na aresta mais estreita.
2. Fragmento de elemento móvel (?) de **moinho manual**, em granito de grão médio.
3. **Seixo** de xisto, fragmentado, com sinais intensos de desgaste nas extremidades. Desconhecemos a sua função.
4. **Seixo** quartzítico, partido, alterado pela acção do fogo.
5. **Lasca** de granito de grão fino, não retocada mas com sinais de uso numa das arestas.
6. Fragmento de xisto, de forma triangular.
7. Bloco de xisto fragmentado.

3.2. COMENTÁRIO

Apesar do reduzido número de fragmentos cerâmicos estudados pudemos registar uma grande variedade de formas, de fabricos e de técnicas decorativas.

Formalmente, predominam os potes de grandes dimensões, sem vestígios de fuligem, com

funções que cremos de armazenagem ou de transporte. Estão igualmente representadas as formas potinho/púcaro.

As texturas grosseiras são maioritárias, embora não estejam ausentes as médias. As pastas são essencialmente arenosas embora se encontrem algumas arenosas/micáceas.

A técnica decorativa predominante é a plástica, manifestada através de medalhões e de cordões dispostos na horizontal, na vertical ou de forma compósita. Há ainda a registar os espatulamentos sobre os colos e as incisões finas.

O material lítico é pobre mas variado em termos de suporte. Há peças em granito, em xisto e em quartzito. Parece-nos significativa a presença de moinhos manuais que poderão atestar a prática da actividade agrícola, a moagem de produtos recolectáveis ou de minérios.

4. INTERPRETAÇÃO E CRONOLOGIA

A localização dos achados, numa vala que cremos de origem antrópica, a presença de fossas abertas no saibro, o estado de conservação e a diversidade morfológica do espólio cerâmico, bem como a existência de fragmentos de moinhos manuais, permitem-nos considerar esta jazida como um povoado aberto, em paisagem de montanha, similar a muitos outros das regiões do Minho e Douro Litoral.

Como exemplo de povoados de fossas com espólio semelhante, quer em termos formais, quer decorativos citamos Beiriz (Póvoa de Varzim), Bouça do Frade, Lavra II e Monte Calvo (Baião), Santinha (Amares), Sola II (Braga) e Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto).

Embora os potes da forma 3, os potinhos/púcaros e os bordos decorados com incisões, sejam conhecidos no povoado muralhado de S. Julião, Vila Verde, em contextos datáveis dos séculos XI/X ao VIII A.C. (cal.) (MARTINS, 1987; 1988: 125 a 130, 141), as decorações plásticas, associadas a cordões/medalhões e os potes da forma 8 parecem ser exclusivos de povoados de fossas.

Na Bouça do Frade, os potes da forma 8, ou de colo alto, ocorrem em associação com vasos de largo bordo horizontal e cerâmicas de tipo "Cogotas I", nas plataformas intermédias e superiores do monte. Esta última plataforma está datada, pelo radiocarbono, dos séc. XI ao VIII A.C. (cal.), mas desconhecemos a cronologia da plataforma intermédia que poderá ser anterior (JORGE com. pessoal), quer pela ausência de decorações de tipo "Baiões", quer pela permanência de cerâmicas "Cogotas I" de grande pervivência cronológica¹⁴.

O povoado da Sola II, datado recentemente da primeira metade do IIº milénio A.C.¹⁵ paraleliza com o do Areeiro através dos potes de colo alto, dos potes com decoração plástica no início da pança, dos bordos em aba soerguida e da decoração plástica em termos temáticos

¹⁴ A calibração de datas de radiocarbono, em jazidas atribuíveis ao horizonte Cogeces/Cogotas I, amplia consideravelmente estas cerâmicas por quase todo o IIº milénio. A este propósito consulte-se o trabalho de González Márcen *et alii* (1992). Segundo Fernández-Posse *et al* (1991), mesmo em datas convencionais, Cogotas I ocupa toda a segunda metade do IIº milénio a.C.

¹⁵ Datas de radiocarbono inéditas.

e organizativos (BETTENCOURT, 1991/92).

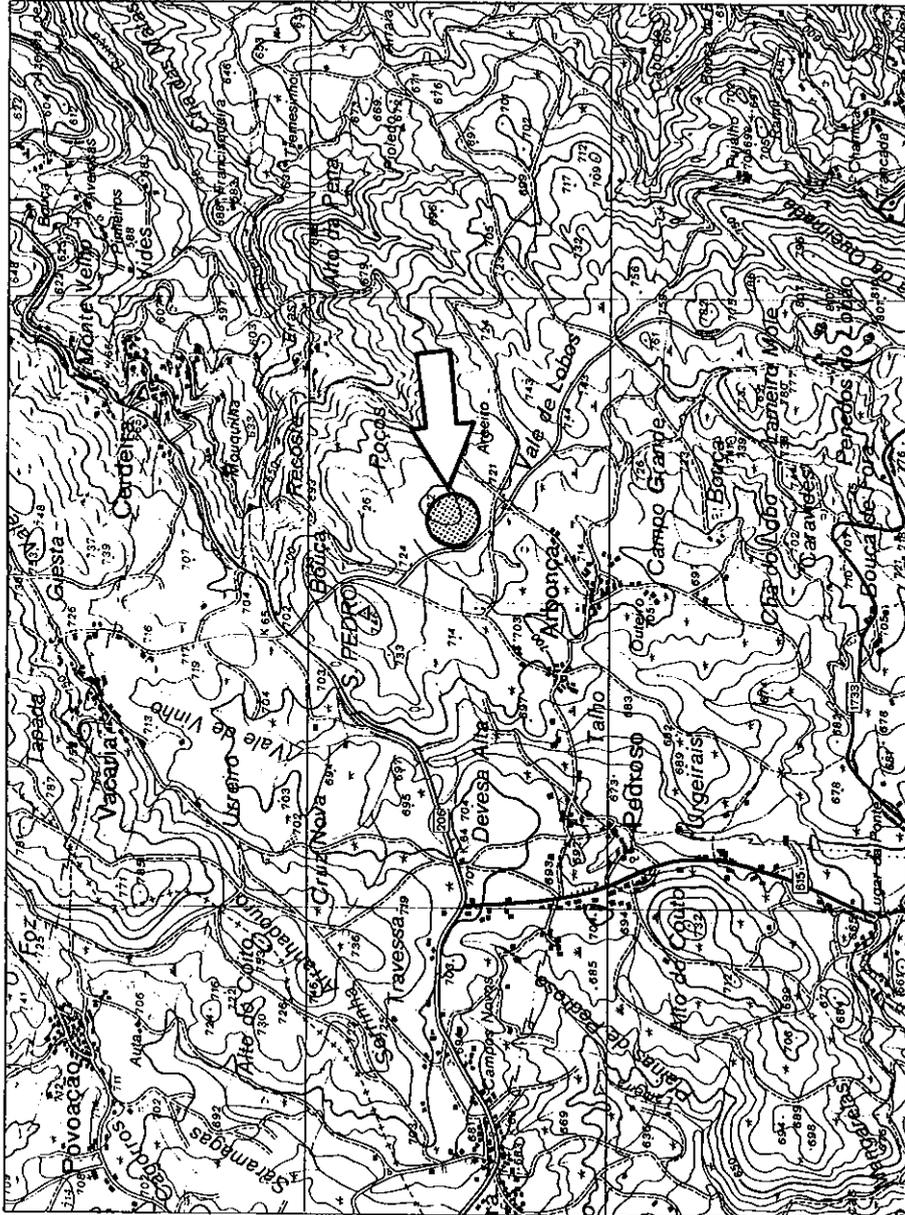
Se, genericamente, as características “arquitectónicas” do Areeiro, bem como a morfologia e aspectos decorativos do seu espólio, permitem admitir a sua inclusão na Idade do Bronze do Noroeste peninsular, elas também impedem uma maior precisão cronológico-cultural. Os dados em estudo tanto possibilitam a sua integração no 1º quartel do Iº milénio, como num momento indeterminado do IIº milénio A.C..

Este aspecto levanta o problema da pervivência das mesmas características de povoamento e de formas cerâmicas, desde o IIº até aos inícios do Iº milénio A.C., bem como o da sua interpretação socio-económica.

A consciencialização deste assunto aconselha prudência em relação às classificações cronológico-culturais baseadas em trabalhos de prospecção e requer projectos que privilegiem escavações sistemáticas, onde a recolha de artefactos e ecofactos permitam um estudo cultural, paleoambiental e paleoclimático da “evolução” do povoamento durante o II e inícios do Iº milénio A.C.

BIBLIOGRAFIA

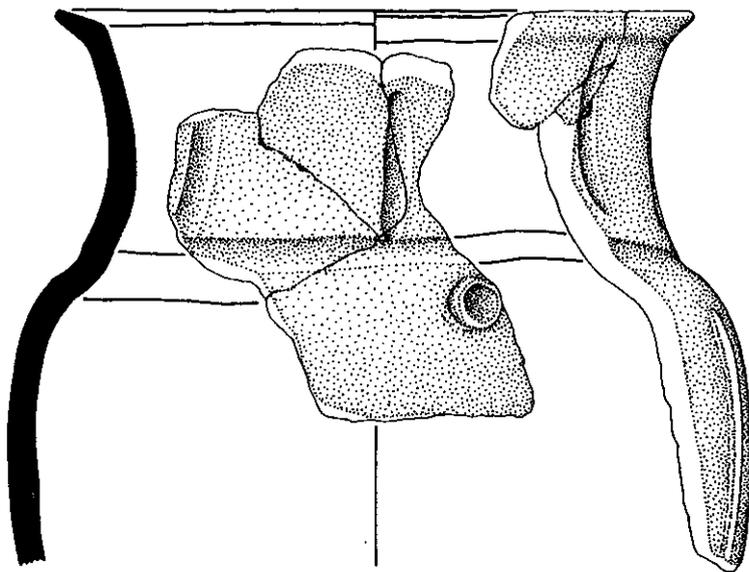
- BETTENCOURT, A. (1991/1992). O povoado da Sola, Braga: notícia preliminar das escavações de 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, 8/9, Braga, pp. 97-118.
- FERNÁNDEZ-POSSE, M. & C. Martín (1991). El calcolítico y la edad de bronce en la Meseta, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 30-31, pp. 75-86.
- FONTES, L. (no prelo). O património arqueológico do planalto da Lameira, *Actas do I Encontro do Património Cultural de Basto*, Celorico de Basto.
- GONÇALVES, A. H. B. (1981). *A estação pré-histórica do Monte Calvo-Baião. Notícia preliminar*, Trabalhos do Instituto “Dr. Mendes Corrêa”, 42, Porto.
- GONZÁLEZ MARCÉN, P.; V. Lull & R. Risch (1992). *Arqueología de Europa, 2250-1200 A.C.. Una introducción a la “edad del bronce”*, Ed. Síntesis, Madrid.
- JORGE, S. (1988a). *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do bronze final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas do GEAP nº 2, Porto.
- (1988b). Reflexões sobre a pré-história recente do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, pp. 85-112.
- LEMOS, F.; M. Martins & M. Delgado (1976-1980). O sítio proto-histórico de Pedroso, *Actividade Arqueológica*, Braga, pp. 32-36.
- MARTINS, M. (1988). *A citânia de S. Julião, Vila Verde: memória dos trabalhos realizados entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia-Monografias nº 2, Braga.
- SANCHES, M. J. (1988). O povoado da Lavra (Marco de Canaveses), *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 125-133.
- (1995). Povoado da Lavra – Serra da Aboboreira, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Ed. S.E.C., Lisboa (no prelo).
- SILVA, A. C. (1993). A Idade do Bronze em Portugal, *Pré-História de Portugal*, Ed. Universidade Aberta – 57, Lisboa, pp. 235-283.



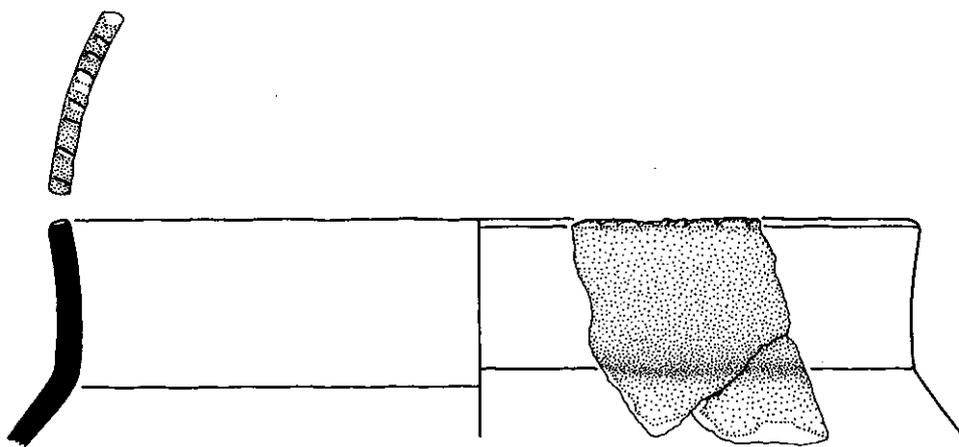
Localização do povoado do Areeiro e da Tapada da Venda/Pedroso na C.M.P., esc. 1:25 000.



Área de localização do povodo e suas condições actuais de conservação.



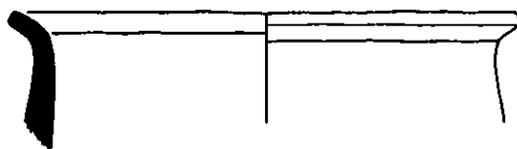
1



2

Espólio cerâmico (1 e 2). O número dos desenhos corresponde à numeração do catálogo.

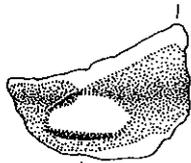
Est. IV



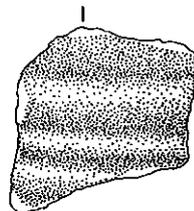
3



4



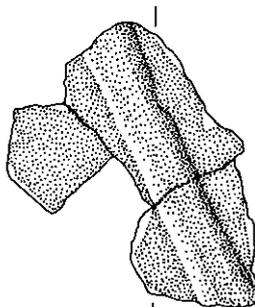
5



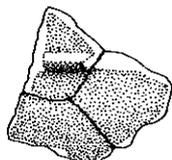
6



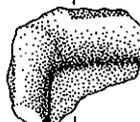
7



8



9



10

Espólio cerâmico (3 a 10). O número dos desenhos corresponde à numeração do catálogo.



11



12



13

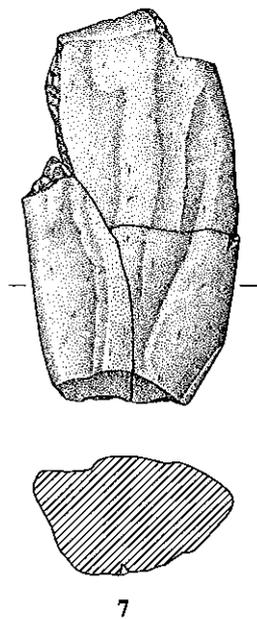
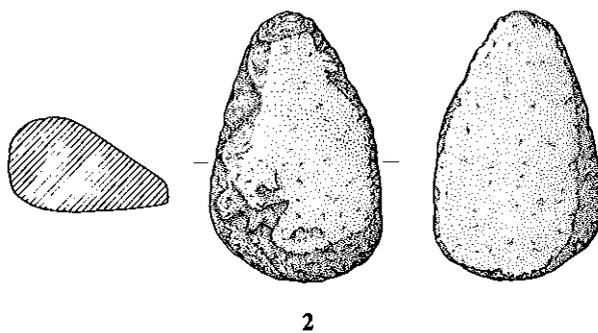
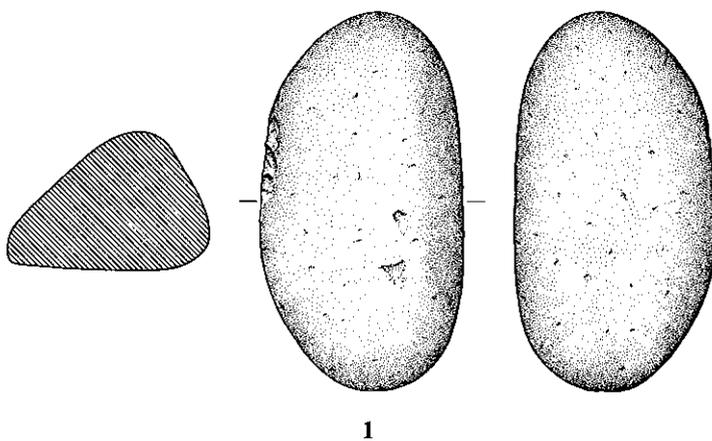


14



15

Espólio cerâmico: bases (11 a 15). O número dos desenhos corresponde à numeração do catálogo.



Espólio lítico (1, 2 e 7). O número dos desenhos corresponde à numeração do catálogo.